

## CAPITULO QUINTO

## Archeismo

## I

## Periodo de transição

Fecha Galeno o cyclo da antiguidade medica, porem a sua doutrina avassalla os treze seculos mais chegados com força de lei imprescriptivel. Oribaso, Aecio, Alexandre de Tralles e Paulo de Egina foram apenas compiladores, de quem pode dizer-se, que sustentaram com talento a dignidade das doutrinas hippocratica e galenica (1).

Depois da queda do imperio romano os vencedores, apropriando-se os conhecimentos dos vencidos, não souberam accrescentar-lhes coisa, que de proprio mereça o nome. Funda-se a eschola de Cordova, que deu origem ás de Salerno e Montpellier (2), mas explica-se e commenta-se Galeno exclusivamente; e as suas theorias, adulteradas até ao romanticismo pelos Avicennas, Averrhoes, Albucasis, etc., dominam sem partilha nas escholas (3).

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 256.

(2) Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 9.

(3) Broussais, loc. cit., p. 260.

Aos Arabes deve-se todavia gratidão e reconhecimento por haverem conservado e transmittido o caudal da medicina grega. Foram elles, que recolheram os originaes preciosos escapados ao incendio da celebre bibliotheca de Alexandria, e que os depositaram na de Cordova (1).

Mais tarde a astrologia e a alchimia tomam na medicina fôro de cidade, e o gosto das subtilezas da philosophia escholastica concorre com a crença nos feitiços e sortilegios (2) para obstar ao progresso da medicina de observação.

A invasão da Grecia pelos Turcos no XV seculo marca uma epocha importante na historia dos descobrimentos scientificos e litterarios. Os Gregos fugitivos dão incremento ao estudo da litteratura grega na Europa (3); os classicos começam a ser estudados na sua lingua original, e d'ahi um grande clamor contra os Arabes, que os tinham desfigurado (4).

Por outra parte levantados os preconceitos, que até então haviam obstado á abertura de cadaveres humanos, entra a autopsia a pôr em relevo os erros

(1) Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 10.

(2) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 261.

(3) Idem, loc. cit., p. 262.

(4) Idem, loc. cit., p. 268.

grosseiros de Galeno em anatomia, e o oraculo de Pergamo sente-se abalado em seu throno (1).

D'orávante estuda-se de preferencia Hippocrates no texto grego (2), e na traducção latina (3), que appareceu no fim do XVI seculo, e os medicos pegam de ensaiar-se na observação e na descripção minuciosa das molestias, segundo o methodo hippocratico (4).

## II

### Paracelso

Mas ao lado dos verdadeiros observadores levanta-se de novo a astrologia e a alchimia, o taliman e a cabala.

Em quanto André Vesal, desvelando os arcanos do corpo humano, refuta triumphantemente Galeno nos amphitheatros, Paracelso, alchimista e necromante (5), dotado de um espirito superior de innovação (6), acaba o que Vesal começara. Congloba

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 288.

(2) Idem, loc. cit., p. 268.

(3) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 73.

(4) Broussais, loc. cit., p. 288.

(5) Idem, loc. cit., pp. 302.

(6) Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 11.

num systema da ultima extravagancia, quanto em materia de cabala andava disperso pelos livros dos theosophos, e applica-o á medicina (1).

Dá como principios elementares o *astro*, a *raiz* o *elemento*, e ainda por contra-peso o esperma (2); divide a *semente* em *iliastrica* e *cagastica*; forma todos os corpos de *sal*, *enxofre* e *mercurio sidericos* (3); resume a *physiologia* na invenção de um ser immaterial com pés e cabeça, coisa extraordinaria! denominado archeu, e alojado no estomago, como um alchimista no seu laboratorio, a separar o veneno dos alimentos da sua parte nutritiva, para fazer sangue; reduz as molestias a cinco classes que intitula: *ens astrorum*, *ens veneni*, *ens naturale*, *ens spirituale*, *ens deale* (4); assenta a *therapeutica* nas

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 315.

(2) Idem, loc. cit., p. 304.

(3) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 77.

(4) Broussais, loc. cit., pp. 306 e 307.

Segundo Bouillaud estas cinco classes são denominadas assim:

- 1.º *ens dei*, molestias que vêm de Deos;
- 2.º *ens astrale*, molestias provenientes dos astros;
- 3.º *ens naturale*, molestias que têm por causa o vicio da natureza;
- 4.º *ens pagoicum*, molestias de imaginação e por encantamento;

relações dos astros com os órgãos lesados e nas analogias d'estes com os vegetaes e os mineraes (1).

Foi Paracelso um homem original, que pela novidade da sua doutrina creou numerosos proselytos e não menos inimigos. São estes que nol-o representam devasso, fanatico e virulento, como aquelle que levara a audacia a ponto de queimar publicamente Galeno e Averrhoes. Mas as calumnias e doestos dos adversarios, porque jámais houve quem tão injuriado fosse, desculpam os seus excessos (2). O certo é dever-lhe a therapeutica a introduccção dos medicamentos mineraes, e a extracção da parte activa dos vegetaes (3); e embora destruisse o erro pelo erro, substituindo á theoria dos elementos a das acrimonias ou dos principios chimicos, como elle os entendia, não deixou isso de ser um manancial de riqueza futura, porque a applicação da chimica á medicina começava alli.

5.º *ens veneni*, molestias que derivam de uma materia venenosa, interna ou externa.

Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 12 nota.

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, p. 310.

(2) Bouchut, *Histoire de la médecine et des doctrines médicales*, p. 364 e seguintes.

(3) Broussais, loc. cit., p. 315.

## III

Van Helmont

A doutrina de Paracelso achou echo. Paracelistas e Galenistas disputam e contendem; mas o galenismo não reina só; de mistura com a alchimia, e com a superstição das influencias diabolicas mal se sustenta já. Mais um golpe e eil-o por terra.

Dar-lh'o-á Van Helmont, magico e alchimista, que a despeito de seu muito saber (1) abnega a razão para submeter-se ás visualidades do extasis, que suppõe inspirações da divindade. Eis o systema, que erigiu a imaginação morbida do visionario:

Os elementos da materia são a terra, o enxofre e o mercurio (2).

Os principios da semente — agua e fermento (3). O fermento, ou principio seminal, é ente neutro, creado expressamente por Deos desde o principio do mundo para operar com a agua a semente dos corpos vivos (4).

(1) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 76.

(2) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 332.

(3) Idem, loc. cit., p. 331.

(4) Idem, loc. cit., p. 332.

Ha tambem fermentos especiaes no organismo. Cada orgão tem o seu (1); e é por meio d'elles, que se operam todas as modificações das partes no estado de saude como no de molestia.

Os fermentos executam as ordens do archeu, principio immaterial, distincto da alma, ser intelligente encarregado de regular as funcções, cuja tranquillidade e vigilancia asseguram a saude, cujo furor e até sómente a negligencia determina a doença (2).

Cada orgão tem um archeu e um fermento, subordinados todos ao archeu superior, que com o seu fermento respectivo é localizado no estomago.

A febre é a colera do archeu; o arripiamento, que a precede, indica o subitaneo terror de que foi acommettido antes de enfurecer-se (3).

(1) Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 13.

(2) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 334.

(3) Idem, loc. cit., p. 339.

## CAPITULO SEXTO

## Hippocratismo moderno

## I

Sydenham

Como correctivo ao mysticismo de Paracelso e Van Helmont apparecem medicos famosos, justamente celebrados, por se haverem, a despeito de suas ideas theoricas, devotado ao estudo das molestias segundo os preceitos hippocraticos, desprendendo-se das especulações scientificas para se darem inteiros á observação (1). D'estes o mais notavel é Sydenham, cuja doutrina vamos expor.

A molestia é um esforço da natureza para expulsar o principio morbifico e restabelecer a saude (2).

A causa proxima é a fermentação ou a putrefacção dos humores. A causa remota está na infecção

(1) Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 15.

Bosquillon, *Éléments de médecine pratique* de M. Cullen; *discours préliminaire du traducteur*, p. XXVII.

(2) Moneret et Fleury, *Compendium de médecine pratique*, art. *Fièvre*, p. 3.



aerea (1), na mudança de temperatura e humidade, e nas alterações de regimen (2).

As molestias são agudas ou chronicas consoante sua duração, isto é conforme a natureza debella rapidamente pela cocção a materia morbosa, ou invalida por longo tempo seus esforços contra ella (3).

As agudas são epidemicas ou esporadicas. As primeiras, dependentes de causas ou influencias occultas do ar, reinam durante um ou muitos annos successivos, e denominam-se por isso *estacionarias* (4); as outras, procedentes de circumstancias accidentaes (temperatura e humidade), e de anomalias corporeas (regimen) são menos geraes, existem indistinctamente em todas as estações, e denominam-se *intercorrentes* (5).

Para Sydenham as febres intermittentes e as continuas representam dois processos de cura differentes apenas, porque a natureza nestas debella em acto continuo, de uma assentada, a materia morbifica, que naquellas combate por diversas vezes com intervallos de treguas.

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, p. 88.

(2) Idem, loc. cit., p. 115.

(3) Idem, loc. cit., p. 89.

(4) Idem, loc. cit., p. 115.

(5) Idem, loc. cit., pp. 89 e 115.

Num como noutro caso a effervescencia do sangue tem por fim depural-o, ou simplesmente mudar-lhe a composição em harmonia com a constituição atmospherica, de cujas alterações desconhecidas a febre procede (1).

A causa da febre é sempre uma alteração dos humores.

A peste é uma febre de marcha perfida e traiçoeira; um flagello com que Deos castiga as iniquidades do genero humano. Origina-se num virus subtilissimo, que inflamma as particulas mais espirituosas do sangue (2).

As bexigas (3), o sarampão, etc., consistem numa inflammação do sangue e dos humores.

Não admira pois, que Sydenham visse verdadeiras febres nas phlegmasias febris (4), taes como, por exemplo, a pleuresia, a erysipela, e o rheumatismo, pois que em qualidade de verdadeiro humorista, fiel á sua doutrina, a materia morbifica era para elle o ponto culminante das molestias agudas. D'ahi

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, p. 95.

(2) Idem, loc. cit., p. 100.

(3) Idem, loc. cit., p. 103.

(4) Idem, loc. cit., p. 115.

Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 19, nota.

a necessidade de crear um logar de honra para a febre, que representava o trabalho elaborador sem u qual não havia cocção.

Sydenham porem punha de parte na pratica os erros e os absurdos da sua theoria. Como clinico deu-se particularmente á observação e ao estudo das molestias, segundo o preceito hippocratico, pelo que mereceu a denominação de Hippocrates inglez.

Em sua opinião a natureza cura geralmente as molestias por evacuações (1). Excepcionalmente a materia morbifica é digerida, assimilada; não se evidencia em tal caso excreção notavel (2). O medico prudente imita a natureza (3), estuda os processos que ella emprega, espreita para ajudal-a as vias por onde pretende operar a cura.

## II

Morthon

Morthon, contemporaneo de Sydenham e seu rival, suppunha todas as funcções do organismo effectuadas por espiritos animaes, que operavam ás ordens da alma. Estes espiritos segregados no ce-

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, t. 2.º, p. 94.

(2) Idem, loc. cit., p. 90.

(3) Idem, loc. cit., p. 93.

rebros á custa do ether, são susceptiveis de alterar-se; eis a principal causa das molestias.

Venenos, miasmas, ou fermentos, agora occorridos do ar por effluvios contagiosos, agora elaborados no proprio organismo por causas perturbadoras, opprimem os espiritos, que por expansão lhes reagem para lançal-os de si. É este o modo geral de producção das febres com excepção de uma só, a ephemera, dependente de uma acceleração no movimento dos espiritos, produzida pelos excitantes (1).

A febre é pois geralmente a lucta dos espiritos contra os venenos; eis porque é necessario respeitá-la, em vez de a atacar com meios perturbadores (2). É como para Sydenham um esforço salutar da natureza, representada aqui pelos espiritos.

A idea da intermittencia é tambem a mesma para os dois auctores. Alternação de combate e de treguas entre dois campeões, abroquelados, cuja arena é o organismo.

Eis porque tambem como Sydenham subordina em todos os casos as phlegmasias agudas á febre, que d'ellas deriva (3).

Morthon tem o grande merecimento de haver

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.<sup>o</sup>, p. 125.

(2) Idem, loc. cit., p. 126.

(3) Idem, loc. cit., p. 130.

descoberto as intermittentes perniciosas (1), que mais tarde Lancisi, Torti e Werlhof acabaram de desvelar (2).

### III

#### Baglivi

O exemplo de Sydenham foi seguido (3). Muitos medicos se deram com affan á observação hippocratica. Entre estes avulta Baglivi, similhante a Sydenham quanto ao modo de considerar as molestias, e no cuidado com que se deu á sua observação e estudo (4). Por isso foi cognominado Hippocrates italiano. Como pratico porem está muito abaixo do celebrado observador inglez.

Baglivi attribue tambem as febres a uma alteração dos humores, mas faz representar um papel importante no seu desenvolvimento á inflammação dos orgãos digestivos (5).

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition Paris, 1829, t. 2.<sup>o</sup>, p. 128.

(2) Idem, loc. cit., pp. 171 e 184.

(3) Bosquillon, *Éléments de médecine pratique* de M. Cullen; *discours préliminaire du traducteur*, p. XXVII.

(4) Broussais, loc. cit., p. 138 e seguintes.

(5) Idem, loc. cit., p. 141.

Bouillaud, *Essais sur la philosophie médicale*, p. 19.

O humorismo, o chimismo, o mechanicismo, tudo achou logar na sua doutrina; foi por tanto verdadeiramente eclectivo.

Todos estes auctores, Sydenham, Morthon e Baglivi, mais praticos que theoricos, seguiram proximamente os mesmos principios (1).

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, p. 185.

## CAPITULO SETIMO

## Animismo

## I

Sthal

Por nova phase vai passar o naturismo e das mais notaveis é esta. A idea pagã tem de ceder o passo á idea religiosa.

A physica e a chimica, embora rude e informe ainda, haviam já contestado aos archeus o direito de explicar os phenomenos do organismo. É então que um homem verdadeiramente religioso e christão, Sthal, inspirado pela philosophia de S. Thomaz, elle que era o maior chimico do seu tempo, recusa ás leis chimicas e mechanicas o poder de explicar os phenomenos vitaes, e reduz a um principio unico, activo e intelligente, os archeus de Van Helmont. Este principio é «a natureza, auctor e sustentaculo da nossa vida, a natureza animal, isto é a alma.

É a alma humana que pelo movimento executa a sua obra . . . . .

É a natureza animal que preside á existencia, á duração do ser, e o entretém por meio de incessan-

tes *secreções* e *excreções* convenientes de materias não só inuteis mas até prejudiciaes . . . . .

Por ella o homem sujeito ás mais horriveis molestias é espontaneamente libertado de seus soffrimentos e restituído á saude, depois de haver sido arrancado a uma morte eminente (1).»

Eis em que consiste o animismo.

Para Sthal o movimento não é vida, mas é pelo movimento que a alma opera o phenomeno da vida.

Já a este tempo Glisson descobrira a irritabilidade. Sthal conhecia pois os movimentos de contracção e relaxação das fibras; attribuiu-os porem á acção directa da alma, denominando-os movimentos tonicos vitales (2).

Em sua opinião tem a molestia um fim salutar (3). A febre consiste «numa alteração notavel e assás uniforme do movimento do sangue, constantemente acompanhada de sensações alternadas de calor, de frio e de atonia, ou impossibilidade de executar livremente os movimentos voluntarios (4)»; é o trabalho da alma, empenhada em debellar uma causa

(1) Sthal, citado por Bouchut, p. 417.

(2) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, p. 6.

(3) Idem, loc. cit., p. 18.

(4) Bouchut, *Histoire de la médecine et des doctrines médicales*, p. 452.